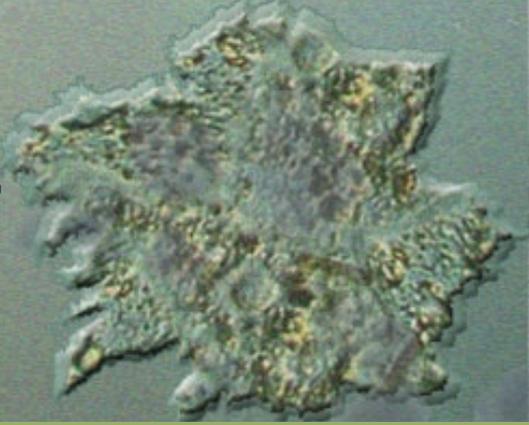


Monólogos de extramuros



Pensamentos de um galego no estrangeiro

AMOR

«O amor? Uma invenção do século XII!» A frase - promulgada, se não estou em erro, por um erudito bem respeitável - poderá parecer um despropósito. Não é: em absoluto. Incluso haveria que admiti-la na sua precisão mais taxativa, que nos situa perante o fenómeno social e cultural da poesia dos trovadores. Claro que sempre houve "amor", uma forma ou outra de "amor", unindo casais humanos: sempre, ou quase sempre - por isso o homem merece o nome de homem. Sem sairmos da tradição ocidental, o *Symposium* de Platão e a *Ars Amandi* de Ovídio dão-nos bem fé com espessa magnificência literária.

Mas não todos os "amores" foram idênticos, deveríamos de diferenciar escrupulosamente entre os diversos tipos ou as diversas qualidades do "amor" que os homens viveram ao longo da história. E não há dúvida, pelo menos, que isso que nós ainda chamamos "amor" -isso que inspiravam Beatrice e Laura, e Julieta e Desdémona, e Margarida Gautier e Mimi- foi desconhecido pela Antiguidade pagã. Como foi desconhecido, também, para a bárbara Idade Média e para o intrincado Oriente. Este "amor" é uma criação dos trovadores provençais, completada e polida pelos poetas italianos do *dolce stil nuovo*. Desde então até hoje, aliás, o "amor" espalhou-se e botou raízes também graças à literatura. Não lembro agora quem - um francês, com certeza- afirmava que muita gente não se apaixonaria se não tivesse ouvido falar no "amor". É assim que acontece, numa medida maior do que pensamos. O homem ocidental, o "europeu", e a mulher, durante séculos, estiveram a fazer amor, apaixonaram-se ao ditado dos poetas: sem aperceber-se, naturalmente, e sem tê-los lido.

Que conste que não exagero por ter tomado partido a favor da literatura. Falamos de "amor", e não de uma simples e livre fornicção, nem do matrimónio institucionalizado, nem tão-só dos nexos afectivos que estas relações podem produzir e normalmente produzem. Os vínculos sexuais, a convivência familiar, o afecto mútuo, não são o "amor".

O "amor", quanto que sentimento específico, como o viam na *Vita Nuova* ou em *La Dame aux Camélias*, como o experimentam os protagonistas actuais das novelas rosas ou os filmes acaramelados, como o expressou Petrarca e o dramatizou Shakespeare, é um coisa totalmente outra. Em realidade, o "amor" não se dá senão raramente numa dimensão absoluta: os grandes apaixonados são excepcionais. Quase se poderia dizer que os "grandes apaixonados" só existiram no mundo da ficção livresca: os Werther, os Romeo, as Karênina, as Manon, são seres de papel. E quando encontramos algum de carne e osso, dá a impressão de ser uma vítima do vírus literário.

Mas se os "grandes apaixonados" não abundam, há que reconhecer que o "apaixonado" -o homem e a mulher que participam moderadamente do "amor"- é um tipo habitual. O "amor" propagou-se de umas classes sociais às outras, numa transfusão lenta e gradual. Não esqueçamos que o "amor", nas suas origens, era "amor cortês": assunto de aristocratas e de parasitas de aristocratas. A poesia provençal, e o conceito -e o sentimento- do amor que elabora, foram, num princípio, património de damas e cavalheiros e dos poetas que tinham a soldo. Depois, o "amor" salta esta primeira barreira de classe, mas continua ligado às minorias cultas: escritores e leitores, que, por muito tempo ainda, são recrutados entre os sectores acomodados. De tudo isto, evidentemente, chegam reflexos ao povo. Mas a multidão desqualificada não está à altura daquelas delícias -nem daqueles tormentos- sentimentais: fornicou ou casa, e em paz.

"Antes segui delitos comuns do povo" escrevia Ausiàs March, para manifestar que se afastava da prática do amor selecto e refinado. O povo vegeta nuns "delitos comuns", ou ajusta-se à vulgaridade conjugal, regida pelos interesses ou pela necessidade. Os "grandes apaixonados", os "apaixonados", criavam-se noutras esferas da sociedade. Aos poucos, o teatro primeiro, e a generalização da leitura mais tarde, ensinaram o "amor" às massas. Os espectadores de Shakespeare podem aprender a *amar* no exemplo

de Romeu e Julieta, no de Otelo a Desdémona. Os leitores de romances, cada vez mais numerosos a partir do XVII, terão mais oportunidades. O Romantismo foi a época em que o "amor" consegue uma fabulosa promoção colectiva: não é casual que hoje do "amor" se diga "amor romântico", no vocabulário das pessoas ingénuas. O adjectivo é por duas vezes justificado: por um lado, porque os escritores românticos especializaram-se no tema "amoroso" e trataram-no até trivializá-lo a fórmulas estereotipadas; por outra, porque no século XIX, o livro penetra em capas sociais antes impermeáveis à leitura, e os folhetins e os versinhos efusivos contaminam a burguesia e uma parte apreciável do proletariado. O cinema, a imprensa "*du coeur*", as reportagens de *romance*, os seriais radiofónicos, as publicações baratas, acabaram de completar o processo nos nossos dias.

Na actualidade, os prometidos mais rupestres, quando fazem o seu ofício, fazem-no a imitação das doces cenas absorvidas no ecrã do cinema: beijam-se, amassam-se, intercambiam ternuras, segundo os cânones propagados pelos filmes. Os filmes e as narrações "amorosas" constituem a "educação sentimental" da maioria dos jovens actuais. E tudo isto tem as suas raízes no século XII: nos poemas trabalhados e conceituosos dos trovadores.

A inovação erótica dos trovadores descansa, primeiro que tudo, num reajustamento do lugar da mulher dentro da sociedade. Até então, a mulher tivera uma condição social caracterizada pelo marginalismo mais definido. A Antiguidade, o Oriente, a Alta Idade Média, foram civilizações exclusivamente masculinas. Nelas, a mulher era mãe ou prostituta, serva ou vestal, mulher ou monja, objecto de cobiça ou de desdém, "copo de iniquidade" ou "alegria dos homens": em qualquer caso, então, alheia ao plano em que o homem -o barão- se colocava a si próprio. Será por volta do século XII, com efeito, que aponta uma possibilidade inédita para a mulher.

Seria muito longo de expor, com detalhes, as causas profundas da sua nova situação. O facto é que se produz, e que tem a sua versão literária na poesia trovadoresca. Engels viu isso muito bem. O "Amor cortês" perfila-se com umas notas distintivas, sem precedentes na história das relações entre homem e mulher, a qual, conseqüentemente, entrará no terreno erótico no plano *quase* de igualdade com o homem; aliás, este sentimento aspira a ser tão intenso e tão duradouro, que faz com que os dois amantes -a mulher também, portanto- considerem a separação ou a não posse como uma grande desgraça ou talvez como a maior das desgraças.

Não é preciso dizer que este "amor" devia ser uma espécie de repto à instituição do matrimónio, instituição convencional sujeita -nas classes altas sobretudo- às exigências de uma estratégia económica familiar claríssima. Todo matrimónio era matrimónio de conveniência -e esta tendência passa da sociedade feudal para a sociedade burguesa, e por isso o "amor", "cortês" num caso e "romântico" noutro, choca sempre contra os obstáculos sociais. A importância do adultério na literatura -e na realidade- europeia a partir daquele tempo tem esta causa. O "amor", o "amor" autêntico, põe-se a prova no desafio às convenções e aos interesses: ou os supera, ou se rompe tragicamente. Seja como for, não há dúvida que a mulher, desde este nível, e para bem ou para mal, ganha a possibilidade nova a que aludíamos: a possibilidade de ser *amante*, de jogar um papel activo -feliz ou infeliz, isso é outra questão- na sua relação com o homem.

A literatura -barómetro bastante honesto da sociedade- fornece-nos ilustrações significativas. As heroínas literárias da Antiguidade não são "heroínas" por causa de uma espécie qualquer de amor: Fedra, Antígona, Medeia, são figuras que atingem a grandeza por uma ou outra energia moral, e não por qualquer decisão *sentimental*. Pelo contrário, Laura e Beatrice, Desdémona e Julieta, Mimi e a Gautier, e Emma Bovary, e Anna Karênina, e tantas outras, são já heroínas do "amor". O homem-antagonista tem, numa etapa e noutra, consideração simétrica: Édipo, Ulisses, Orestes, não têm nada a ver com o amor, enquanto Des Grieux, Werther, Tenório, Sorel, Adolf, Paul -o de Virgínia-, Otelo, Romeu, etc., são, basicamente, uns "apaixonados".

Até ao limite do XX isso é verdade. Apesar de tudo, a sociedade -a sociedade de Ocidente- continuou a ser uma sociedade masculina. A "dama" feudal em princípio, a burguesa depois, qualquer mulher finalmente, ganham o direito de amar, contra vento e maré, sim. Mas, mulheres depois de tudo numa sociedade masculina, não deixam de ser personagens de segunda. O homem, "apaixonado", precisa-as "apaixonadas": só na medida desta necessidade as mulheres são equiparadas aos homens. No resto das suas actividades, a mulher continua relegada na sua postergação multissecular. A condição jurídica da mulher, tanto como a sua avaliação pragmática, são de submissão. O homem *mandava* sempre no "amor" e tudo apesar das aparências.

O Novecentos presencia a emancipação da mulher. Emancipação é o nome que costuma empregar-se neste contexto: não é muito certo, contudo, que seja ajeitado. Simone de Beauvoir denunciou a confusão que rodeia o problema feminino ainda nos nossos dias, e não aceita que a "emancipação" seja realmente "emancipação". O feminismo militante, desde tempos de miss Pankhurst, avançou muito, e a incorporação da mulher ao mundo laboral contribuiu muito a rectificar os velhos preconceitos viris. Aliás, a pressão feminina no mundo de hoje vai mais além do que podiam esperar há sessenta anos Emília Pankhurst e as suas seguidoras. O importante não é que as mulheres votem - coisa que para as "sufragistas" era o ideal da plenitude social do seu sexo-: o importante é que, hoje, as mulheres se desfizeram de muitas sujeições, legais ou não, e enfrentam o homem num tuteio perfeitamente equilibrado. A igualdade é, hoje em dia, relativamente tangível, entre homens e mulheres.

E, neste ponto, o "amor" começa a ser impossível. Porque o "amor" -"cortês", "romântico"- pressupunha o marginalismo da mulher. A "apaixonada" ama, pode amar ou não, o seu amor -a sua decisão amorosa- é decisivo: mas sempre e só na medida que é solicitada pelo "amor" do homem, do macho. O homem adora e reverencia a mulher, no "amor" uma mulher-ídolo -adorada, reverenciada- não é já uma mulher, não é ainda uma mulher, mas a mistificação da mulher. E isso é o que cria a crise. Podemos vê-lo nos costumes desprendidos e francos de um sector da juventude urbana, que foge à mefítica influência do cinema e da sub-literatura sentimental.

Vemo-lo, igualmente, na literatura. A literatura volta a servir-nos de referência indiciária. Os escritores - particularmente os escritores de envergadura- costumam ser bem sensíveis às variações sociais, incluso às mais ténues. Na produção literária do que levamos de século XX podemos verificar as apreciações que ainda agora fiz. Observamos, por exemplo, uma leve falta de vontade, por parte dos poetas, a respeito do tema do "amor", que contrasta com a sua deliberada preferência pelos temas metafísicos ou de reivindicação social. Chega com ler Valéry, Rilke, Eliot, Claudel, ou Prévert, Aragon, Nicolás Gillén, Brecht, e tantos outros, para confirmá-lo. E quando nos versos dos poetas perdura o amor -Eluard, coisas de Neruda- já é sob uma espécie de mera exaltação sensual.

Assim mesmo acontece com o romance. Se o romancista se ocupa ainda do amor -Proust, Joyce, Lawrence, Miller- é para reduzi-lo, em definitivo, ao mecanismo opaco da carne. Resulta sintomático o pouco espaço que as relações sentimentais -no mais nobre e acreditado sentido desta última palavra- de homem e mulher, conservam nos livros de Malraux, de Hemingway, de Camus, de Silone.

Bem visto, o amor, o velho "amor", o amor a que chamamos "romântico", não tem hoje em dia mais trincheiras defensivas que isso que destacámos como instrumentos de penetração: novelinhas rosas, filmes, seriais. E os *chansonniers*, franceses ou não: Jacques Brel, Domenico Modugno, Paul Anka o Nat King Cole, Aznavour ou Josep Guardiola, que espalham pelas ondas os resíduos difusos, convertidos em "*calderilla*", da poesia "amorosa" dos românticos.

Novelas, filmes, seriais, cantores -porém- têm um público: um grande público ainda. É o fim. Bem que o sabemos: a máxima difusão de uma ideia ou de uma moda coincide com o momento da sua extinção. O "amor" está neste estado: o último e mais baixo degrau. A nossa época dá-lhe a reforma ao "amor". Chegou a hora de inventar *um outro amor*. Um amor -o de amanhã- que, provavelmente, não tolerará um Don Juan nem uma Julieta, uma Bovary nem um Otelo, um Wherter nem uma Beatrice...

Amor em *Diccionari per a Ociosos*, Joan Fuster, Edicions 62, 5ª edição de Março de 1998, Barcelona.

Nota: Original de uma edição electrónica (ed2k://file|Fuster,%20Joan%20-%20Diccionari%20per%20a%20ociosos.pdf.zip|758905|A6D96C1644B04BAD0161647F84834BC8|h=2JURIJGNFHTKAFXJAPLP7UPNG5ALPLAA|/). A separação de parágrafos é nossa. O original de que dispúnhamos não tinha separação de parágrafos e desconhecemos se as tem o original impresso.